



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA UFSC
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO CCE
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO**

GIOVANNI BATTISTA BELLO NETO

**Relatório final de Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à disciplina de *Projetos Experimentais*,
ministrada pela Prof.^a Gislene Silva,
no segundo semestre de 2013.
Orientadora: Prof^{ra}. Cárilda Emerim**

**Florianópolis
Dezembro de 2013**

GIOVANNI BATTISTA BELLO NETO

*Experimentações da fotorreportagem
no formato tablet*

Relatório final de Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Jornalismo, do Centro de Comunicação e Expressão, da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito para a aprovação na disciplina **Projetos Experimentais** ministrada pela **Profa. Gislene Silva**, no segundo semestre de 2013.

Orientadora: Prof.^a Cárilda Emerim

Florianópolis
Dezembro de 2013

FICHA DO TCC	Trabalho de Conclusão de Curso - JORNALISMO UFSC		
ANO	2013		
ALUNO	Giovanni Battista Bello Neto		
TÍTULO	Experimentações da fotorreportagem no formato tablet		
ORIENTADOR	Cárlida Emerim		
MÍDIA		Impresso	
		Rádio	
		TV/Vídeo	
	X	Foto	
		Web site	
	X	Multimídia	
CATEGORIA		Pesquisa Científica	
		Produto Comunicacional	
		Produto Institucional (assessoria de imprensa)	
		Produto Jornalístico (inteiro)	Local da apuração:
	X	Reportagem livro-reportagem ()	() Florianópolis () Brasil (X) Santa Catarina () Internacional () Região Sul País: _____
ÁREAS	Fotojornalismo, tablet, multimídia, reportagem		
RESUMO	Este Trabalho de Conclusão de Curso se propôs a experimentar o fotojornalismo como ferramenta principal da narrativa de uma reportagem no suporte digital do tablet, explorando os recursos multimídia como conteúdos adicionais. Além da fotografia, foram utilizados textos, áudios, vídeos e a navegação por toque, própria do dispositivo. A reportagem é sobre a implantação do programa Mais Médicos, do governo federal, em Santa Catarina. Para o TCC foram escolhidos três médicos participantes do programa, de três nacionalidades		

	diferentes, designados para trabalhar nas cidades de Palhoça, Paulo Lopes e Jaraguá do Sul. Mostrou-se desde a chegada dos médicos ao estado até a sua atuação direta com os pacientes; a proposta tenta mostrar a discussão sobre a validade e efetividade do programa partindo do ponto de vista de quem vive a realidade do sistema de saúde brasileiro.
--	---

SUMÁRIO

1. Resumo	6
2. Introdução	7
2.1 Pauta	7
2.2 Plataforma	9
2.3 A Fotorreportagem como formato	11
3. Processos de produção	13
3.1 Apuração	13
3.2 Fontes	16
3.3 Formato	21
3.3.1 Fotografia	22
3.3.2 Vídeo	25
3.3.3 Textos e legendas	28
3.3.4 Cinemagraphs	29
3.4 Questões técnicas	34
4. Edição	36
4.1 A fotografia física	38
4.2 Diagramação	41
5. Tablet como plataforma jornalística	48
5.1 O que é uma revista para tablet	53
5.2 Digital não significa online	57
5.3 Mar de hiperlinks e o alívio dos pacotes fechados	59
5.4 Processo de publicação	61
6. APRENDIZADO	62
7. AGRADECIMENTOS	66
8. BIBLIOGRAFIA	67

1. RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso se propôs a experimentar o fotojornalismo como ferramenta principal da narrativa de uma reportagem no suporte digital do tablet, explorando os recursos multimídia como conteúdos adicionais. Além da fotografia, foram utilizados textos, áudios, vídeos e a navegação por toque, própria do dispositivo. A reportagem é sobre a implantação do programa Mais Médicos, do governo federal, em Santa Catarina. Para o TCC foram escolhidos três médicos participantes do programa, de três nacionalidades diferentes, designados para trabalhar nas cidades de Palhoça, Paulo Lopes e Jaraguá do Sul. Mostrou-se desde a chegada dos médicos ao estado até a sua atuação direta com os pacientes; a proposta tenta mostrar a discussão sobre a validade e efetividade do programa partindo do ponto de vista de quem vive a realidade do sistema de saúde brasileiro.

2. INTRODUÇÃO

Este Trabalho de Conclusão de Curso se propôs a experimentar o fotojornalismo como ferramenta principal da narrativa de uma reportagem no suporte digital do tablet, na perspectiva de explorar os recursos multimídia próprios da plataforma. Além de propor este experimento, também se construiu outro desafio: escolher uma pauta relevante, que pudesse ter interesse pela sua factualidade e abrangência.

2.1 Pauta

Para tanto, a pauta selecionada foi a de cobrir a implantação do programa Mais Médicos, do governo federal, em três cidades de Santa Catarina. O programa tem como meta contratar médicos para vagas não preenchidas do sistema público de saúde, trazendo profissionais formados em outros países e fazendo algumas modificações na estrutura dos cursos de medicina do país.

Foram escolhidos três médicos de três nacionalidades diferentes, designados para trabalhar nas cidades de Palhoça, Paulo Lopes e Jaraguá do Sul. Cada um foi acompanhado por três dias, tendo seu trabalho e rotina registrados em fotos e vídeos. Mostrou-se desde a chegada

dos médicos ao estado até sua atuação direta com os pacientes. O foco da reportagem foi fugir dos discursos contaminados pela propaganda governista e pelas entidades de classe oposicionistas para mostrar a realidade de trabalho destes profissionais estrangeiros em cidades do interior do estado catarinense.

O programa Mais Médicos foi instituído por uma Medida Provisória, regulamentada por portaria conjunta dos ministérios da Saúde e da Educação. O objetivo é ampliar o número de médicos nas regiões carentes do país, principalmente no interior e nas periferias das grandes cidades. Para isso, o programa deve expandir o número de vagas de medicina e de residência e abriu uma chamada para médicos, inclusive não brasileiros – ponto de maior polêmica.

O processo de seleção dá prioridade de vagas para profissionais formados no país. Em seguida, são chamados médicos brasileiros formados no exterior e, por último, médicos estrangeiros formados no exterior. Só poderiam participar da seleção os médicos com registro de exercício profissional em países com proporção de médicos maior que a do Brasil, ou seja, com mais de 1,8 médicos por mil habitantes. Os médicos vinculados ao programa têm um tempo determinado de atuação no país, que é de três anos,

renováveis por mais três através do exame de revalidação de diploma de universidades estrangeiras, o Revalida.

Esta reportagem acompanhou a primeira fase (ou etapa) do programa em Santa Catarina. A motivação para a escolha da pauta foi sua relevância social e importância histórica para o país. O tema está cercado de polêmicas desde seu início. Por curiosidade pessoal e determinação profissional, me pareceu interessante mostrar o que acontece de fato, por em cima da especulação e burburinho propagados na imprensa em geral. A factuality também foi fator importante para a seleção do tema.

2.2 Plataforma

A escolha do tablet como plataforma para esta reportagem se deu por uma série de motivos. O principal deles se deve ao fato de o dispositivo estar sendo incentivo para o lançamento de novas publicações jornalísticas e adaptações de títulos impressos para o formato digital. O potencial do aparelho para o jornalismo é grande. Além de funcionar como um computador portátil serve muito bem para leituras. Consegue agregar ao texto outras mídias, e une tudo isso a uma diagramação semelhante a das revistas

impressas – muito mais atraente que qualquer site da internet.

Apesar dos preços do aparelho, inacessíveis a uma parte grande da população na época de seu lançamento, sua massificação e barateamento projeta-o com um futuro promissor como plataforma jornalística. De acordo com uma pesquisa realizada pela empresa International Data Corporation (IDC), a venda mundial de tablets cresceu 78% em 2012 em relação ao ano anterior, com mais de 128 milhões de unidades no mundo. As projeções da IDC indicam ainda um crescimento de quase 50% em 2013. No Brasil, as vendas ainda são pouco representativas em relação ao mercado mundial, mas em 2012 registrou-se um aumento de 171% em relação a 2011. Foram 3,1 milhões de aparelhos vendidos no país.

Ainda segundo a pesquisa da IDC, na comparação com o mercado de computadores de mesa e notebooks, em 2012 o Brasil vendeu um tablet para cada cinco computadores. Em 2011, a relação era de um para cada 14. Nos Estados Unidos, em 2012, a relação foi de um tablet para cada notebook. Estes números ajudam a enxergar o potencial de leitores que o aparelho traz consigo.

Seu maior trunfo, no entanto, é a portabilidade, o fato de ser confortável no manejo. O tablet não é uma grande

inovação tecnológica. O primeiro iPad veio depois do iPhone, que já tinha a mesma tecnologia em uma tela menor. A principal qualidade do aparelho acaba sendo a possibilidade de consumir conteúdo digital como se consome uma revista ou um livro – confortavelmente. É como se a tecnologia estivesse, pouco a pouco, alcançando a experiência do analógico e, até mesmo, melhorando-a.

Esse resgate da experiência de leitura “analógica” para os moldes digitais possibilita a produção e o consumo de reportagens de fôlego. Com o encarecimento dos custos de impressão e a falta de aptidão dos computadores tradicionais para longas leituras, o jornalismo aprofundado havia perdido espaço na imprensa. O tablet retoma isso, superando esses dois problemas.

2.3 A Fotorreportagem no tablet

Do ponto de vista da reportagem fotográfica, o aparelho pode representar uma sobrevida para o gênero. Com o declínio das revistas ilustradas na metade do século XX, consequência do surgimento da televisão e encarecimento da impressão, reportagens fotográficas perderam o espaço que tinham. Agora, o meio digital permite um número muitas vezes maior de fotografias em

uma mesma edição sem aumento do custo. A pausa para leitura que o tablet possibilita significa mais tempo para reportagens do gênero.

Até agora, foram feitas poucas experimentações do aparelho como suporte para esse tipo específico de reportagem. De todas as publicações lançadas para o tablet, duas se destacaram pelo uso da fotografia como ferramenta principal da narrativa, e servem de referência para esse trabalho: as revistas *Once* e *Inquire*. O objetivo autodeclarado da revista *Once* era resgatar o bom fotojornalismo. A revista *Inquire* tem como slogan “Jornalismo inquisitivo e fotografia inteligente”.

Por serem revistas independentes, sem um apoio institucional, padeceram devido ao modelo de negócio em que o jornalismo se apoia, hoje pouco rentável. Nenhuma das duas está ativa. A *Once* publicou edições mensais durante um ano, de agosto de 2011 a agosto de 2012. A revista *Inquire* começou em maio de 2012 e está inativa desde julho de 2013, embora anuncie que voltará em breve, após uma reformulação da sua plataforma de publicação.

Para a produção deste trabalho, parto da premissa de que o tablet representa um espaço que, desde o encarecimento das impressões, a fotorreportagem ainda não havia conquistado. O aparelho, me parece, é a “tela ideal”

para o fotojornalismo na era digital, e me proponho a experimentá-lo.

3.0 PROCESSOS DE PRODUÇÃO

3.1 Apuração

A pauta que eu havia planejado e vinha levantando informações desde julho de 2013 caiu, no final de agosto. Na semana seguinte, tive que encontrar outra pauta, com urgência. O programa Mais Médicos estava em destaque na imprensa, com ataques e defesas vindos de todos os lados, mas nenhum relato convincente sobre a situação real dos médicos e da população que seria atendida. Decidi trabalhar sobre esse tema.

Tive cerca de duas semanas para me preparar e levantar informações sobre o programa e sobre a saúde pública no Brasil. Com a ostensiva cobertura da imprensa, foi tarefa fácil reunir as informações básicas sobre o programa. O site do ministério da Saúde também disponibiliza uma quantidade razoável de informações à imprensa. Acompanhei a chegada dos profissionais na base aérea em Florianópolis, consegui o contato de alguns médicos, mas surgiu outra dificuldade, dessa vez burocrática.

O Conselho Federal de Medicina lutava com o governo federal contra a liberação de registros de trabalho para médicos formados no exterior. A entidade exigia que fossem feitas provas de revalidação de diploma, o governo federal exigia que os registros fossem liberados o mais rápido possível. Enquanto as duas partes brigavam, os médicos não podiam atender, e minha reportagem ficava em suspenso.

Em Jaraguá do Sul, pude acompanhar o mexicano Héctor em suas visitas de reconhecimento às unidades de saúde da cidade, mas nada além disso. O médico argentino Sílvio, designado para atender em uma unidade de saúde em Palhoça, ficou sem poder trabalhar durante mais de um mês. Adiantei uma entrevista com ele, mas, fotograficamente, não havia muito que fazer. O médico uruguaio Diego, trabalhando em Paulo Lopes, começou no dia 7 de outubro, mas sua atividade acontecia mais dentro do consultório. Por conta das regras de confidencialidade de médico e paciente, nunca pude acompanhar uma consulta. As visitas domiciliares seriam, então, a parte mais interessante de se fotografar do seu trabalho, mas não aconteceram outra vez até o dia 6 de novembro.

Em resumo, as primeiras fotos foram feitas no dia 14 de setembro, e as últimas no dia 7 de novembro. No total,

foram feitas cerca de 1,4 mil fotos. Destas, 202 foram selecionadas em uma edição preliminar. A reportagem final tem 88 fotografias.

Em vídeo, foram aproximadamente duas horas de entrevistas com os médicos estrangeiros, mais as conversas não gravadas. Também foram entrevistadas pessoas da comunidade, profissionais que trabalham nas unidades de saúde, autoridades, etc. Cerca de 21 minutos e 30 segundos de vídeo entraram no produto final.

A apuração em campo foi uma atividade complexa. Antes, elaborava uma lista do que eu teria que registrar em foto e em vídeo, e do que teria que apurar de informações para textos e legendas. O que surgia de diferente do planejado, também era registrado. Essa cobertura multimídia exige atenção redobrada e tomadas de decisão rápidas. Fazer tudo ao mesmo tempo, alternando quase instantaneamente as funções de fotógrafo, cinegrafista e repórter “de texto” foi muito difícil. Cada atividade exige uma maneira de pensar e de agir. Fotografar e filmar, por exemplo, têm dinâmicas muito diferentes. Alternar entre as duas funções de acordo com a exigência da situação pedia um esforço muito grande de atenção, e inevitavelmente alguma coisa se perdia no caminho. Enfrentando essas situações, foi inevitável refletir sobre as atuais exigências do

mercado por “repórteres multimídia”. Posso afirmar, pela vivência que tive, que um profissional responsável por fazer tudo ao mesmo tempo não fará melhor que jornalistas focados em funções determinadas.

O maior empecilho durante a apuração foi a burocracia, o fato de estar dependendo de decisões do governo, da boa vontade dos Conselhos de Medicina e da agenda de atendimentos dos médicos. No total, foram 10 dias de apuração em campo. Em menos de duas semanas, as fotos e os vídeos poderiam estar prontos, não fosse essa dependência dos outros.

3.2 Fontes

O contato com os médicos começou pelo lado pessoal, evitando os meios oficiais, como as secretarias de Saúde dos municípios ou o ministério da Saúde. O primeiro contato foi com o médico mexicano Héctor Leon Romero, designado para trabalhar em Jaraguá do Sul. Após consultar a lista de médicos que viriam para Santa Catarina, localizei seu perfil na rede social Facebook. Para minha surpresa, tínhamos um conhecido em comum. Talita é minha colega no curso de Jornalismo da UFSC e cunhada de Héctor. O médico se inscreveu no programa por namorar a irmã de Talita. Com a ajuda dela, entramos em contato.

Graças a esse conhecido em comum, tive mais acesso ao mexicano que aos outros médicos entrevistados. Acompanhei a rotina dele durante seus três primeiros dias em Jaraguá do Sul. Naqueles dias ele ainda não tinha seu registro profissional brasileiro e, por isso, não podia exercer a medicina. Impossibilitado de trabalhar, a secretaria de Saúde do município elaborou um roteiro para os dias em que ele estivesse parado. O acompanhei em visitas pelas unidades de saúde de Jaraguá do Sul, sua apresentação formal à prefeitura da cidade, no reconhecimento da área de abrangência de sua unidade de saúde, o primeiro contato com a comunidade, reuniões com sua equipe de trabalho e conheci até sua namorada..

A partir das conversas com o médico, estabelecemos um relacionamento saudável de fonte e jornalista. Fiquei sabendo mais detalhes sobre as três semanas anteriores, que foi o período de acolhimento no Rio de Janeiro. Lá, ele acabou conhecendo boa parte dos médicos que vieram para Santa Catarina e auxiliou no seguimento de minha reportagem. Foi de grande ajuda sua indicação de alguns médicos e a não indicação de outros. Isso evitou que eu perdesse tempo com fontes pouco receptivas.

O segundo médico contatado foi Silvio Benitez, argentino e designado para trabalhar no município de

Palhoça. Silvio foi muito sincero, me concedeu uma longa entrevista, inclusive se posicionando francamente sobre os polêmicos entraves do Conselho Federal de Medicina – algo difícil para os médicos estrangeiros, por temerem represálias ou pressões da categoria.

Infelizmente, Silvio também estava impedido de trabalhar, por conta da falta de registro. Quando o entrevistei, havia parado de visitar a unidade de saúde onde hoje está trabalhando. Até o final de setembro, uma médica trabalhava lá, e ele acompanhava suas consultas e aprendia sobre os procedimentos do sistema de saúde brasileiro. Em outubro, a médica entrou de férias, e ele, sem registro e sem ter quem acompanhar, foi obrigado a esperar em casa. Em novembro, a médica voltou de suas férias e ele ainda não havia obtido o registro, mesmo após o governo ter tomado para si a função de concedê-los. Fiquei em contato com o médico durante mais de um mês sem que ele estivesse atendendo. Ele iniciou seu trabalho no dia 5 de novembro. Eu acompanhei um pouco de seu primeiro dia e as visitas domiciliares, no terceiro dia.

Durante o mês de outubro, contatei outro médico, dessa vez por indicação de Silvio. Diego Vinuela - uruguaio, atendendo no município de Paulo Lopes - foi o terceiro médico com o qual consegui aproximação. No início, ele foi

bastante cauteloso, com medo da exposição. Mantive contato com ele através da secretaria de Saúde de Paulo Lopes, até finalmente conhecê-lo e ter seu telefone pessoal.

Acompanhei seu primeiro dia de trabalho, no dia 7 de outubro. Como ainda estava um pouco receoso, preferiu não permitir que eu o acompanhasse nas visitas domiciliares que fez nesse dia. Depois de voltar, ficou a maior parte do tempo dentro do consultório. Este dia de apuração não foi produtivo na parte fotográfica, mas fiz entrevistas com a população e com Diego. Também tivemos longas conversas, pois senti que ele precisava conhecer a mim e entender minha reportagem antes de me conceder mais acesso ao seu trabalho.

Em minha segunda visita ao uruguaio, três semanas depois, ele estava mais receptivo e habituado à rotina do posto, permitindo que eu fotografasse alguns atendimentos e sua rotina de trabalho. Consegui acompanhar apenas uma de suas visitas domiciliares em novembro, e os donos da casa pediram que eu não fotografasse.

A resistência de Diego mostra a importância do tipo de abordagem no primeiro contato com a fonte. O primeiro encontro com os médicos sempre foi com a câmera guardada na mochila, não aparente. Eles não estão acostumados à exposição, não são famosos, celebridades ou

figuras públicas, mas acabaram por se tornar conhecidos depois de sua chegada, com o assédio incômodo da imprensa. Apresentar-me a eles com a câmera em punho seria arriscado e imprudente. Provocar reações ou impressões negativas em um primeiro contato poderia ter sido muito prejudicial para o andamento da matéria, senão impeditivo. No caso da reportagem fotográfica, acredito, isso é intensificado.

Além do trabalho de apuração com os médicos, negocieei, por cerca de duas semanas, uma entrevista com o presidente do Conselho Regional de Medicina de Santa Catarina, Tanaro Pereira Bez. A entidade, que segue as diretrizes do Conselho Federal de Medicina, se opõe à vinda de médicos com diplomas de medicina de outros países.

Como esperado, Tanaro tinha um discurso pronto sobre o assunto. Previ isso em meu roteiro de perguntas, mas ainda assim foi difícil fazer com que ele fugisse de sua linha de argumentação ou ficasse em dúvida sobre algum ponto. O único momento em que ele “baixou a guarda” foi quando perguntei sobre a imagem da classe médica depois da polêmica. Ele relutou em admitir, mas assumiu que, frente a opinião pública, os médicos perderam prestígio.

Nas unidades de saúde de cada médico estrangeiro, foram entrevistados membros da equipe, como enfermeiros

e agentes comunitários. É consenso entre eles que a vinda desses médicos é benéfica para as localidades que atendem, pois contam com pouca ou nenhuma assistência. A população que frequenta as unidades de saúde também foi consultada. Alguns estavam desconfiados com o médico que iria começar a atender, mas a maioria estava ansiosa e agradecida por sua vinda, pois careciam de doutores comprometidos com a comunidade. Das pessoas que já haviam sido atendidas pelos médicos estrangeiros, as reações foram sempre positivas. Ficou claro que a argumentação dos conselhos de medicina era falaciosa: falavam das dificuldades com a língua e com as doenças específicas do país. A população não considerou essas coisas como problemas. Ao contrário, elogiaram a presteza dos profissionais estrangeiros.

3.3 Formato

O formato do produto final pode ser definido como uma fotorreportagem para tablet, utilizando a fotografia como linguagem principal da narrativa, mas que se apoia sobre outras mídias que sejam mais adequadas para cada situação.

3.3.1 Fotografia

A fotografia é a linguagem principal desta reportagem, por isso ela foi prioridade durante o período de apuração. A reportagem no tablet comporta várias mídias, mas quando surgia a dúvida entre registrar um momento em foto ou vídeo, escolhia a foto.

Durante a apuração, a situação mais comum foi acompanhar as atividades dos médicos como um espectador, pois o objetivo era que os registros fossem o mais espontâneos quanto fosse possível. Daí, ao meu ver, surge um paradoxo da fotografia. Mesmo na posição de quem assiste os fatos se desenrolarem, o fotógrafo precisa ter um posicionamento ativo – procurando os ângulos mais adequados, se movimentando pelo espaço. Ao mesmo tempo em que desejo que tudo ocorra naturalmente, minha atitude ativa em relação aos acontecimentos atrapalha essa naturalidade. O desafio é participar da ação sem influenciá-la. Para isso, falava pouco e procurava os ângulos que menos (ou não) distraíssem os personagens. A foto que representa o fracasso dessa intenção é a que registra alguém olhando diretamente para a câmera – e, consequentemente, para o leitor.



Fotógrafo e leitor flagrados pelo fotografado

Em raras ocasiões foram feitas fotografias posadas para essa reportagem.

Com a prática, percebi que a câmera intimida até certo ponto. Depois de alguns cliques, essa sensação passa e o fotografado passa a ignorar, não se importar ou naturalizar sua presença. Com alguns leva mais tempo, com outros menos. Mas, a partir de certo momento, o trabalho do médico se tornava mais importante que a minha presença, e as ações fluíam mais naturalmente.

Todas as fotos foram feitas com a câmera Nikon D600 e a lente 24-85mm f 2.8-4. A câmera é digital e possui sensor “full frame”, garantindo ótimos resultados quanto à

qualidade de imagem, principalmente com os arquivos “crus” (raw). A lente foi ideal para o trabalho. Abrangendo curtas e médias distâncias, obrigava-me a estar perto da ação, transmitindo uma sensação de proximidade também para quem observa estas fotografias.

Essa distância mais curta foi uma escolha consciente. Queria ir na direção contrária a da imprensa, que tratava o assunto em termos gerais, com uma visão macro. O particular, o localizado, não era foco das coberturas, mas acredito que seja a parte mais importante, especialmente nessa pauta. Embora o programa Mais Médicos seja nacional e massivo, seus efeitos são sentidos por indivíduos. E, até então, a imprensa não tinha descido a esse nível, concentrando-se apenas no debate político e econômico.

A única lente diferente desta foi a 70-200mm f 2.8, para a foto da chegada dos médicos na base aérea de Florianópolis, no início da reportagem. Eles estavam distantes de onde a imprensa podia se posicionar, por isso seu uso foi necessário.

A maioria das fotografias foi feita durante o dia, mas quase sempre em ambientes internos. A luz disponível era a das lâmpadas do ambiente e, eventualmente, das janelas. Para superar a pouca quantidade de luz, foram utilizadas as

maiores aberturas de diafragma e sensibilidades ISO a partir de 800.

Números de ISO altos não são mais tão problemáticos como há alguns anos, portanto o ruído nas imagens foi mínimo. Diafragmas muito abertos exigiram um cuidado especial na focagem. O recurso de foco automático foi eficiente e preciso na maioria das vezes, fazendo com que poucas fotos fossem completamente descartadas.

As fotografias receberam tratamento de imagem básico, com um leve aumento dos contrastes, mais definição dos contornos e recuperação localizada de sombras e altas luzes. Quando necessário, foram feitos ajustes na linha do horizonte e na temperatura de cor. O software utilizado foi o Adobe Lightroom 4.4.

3.3.2 Vídeo

Os vídeos foram utilizados, principalmente, nas entrevistas. Quando os acontecimentos se desenrolavam repetidamente durante um período de tempo razoável, e eu já tinha garantido boas fotos, fazia vídeos. A intenção era produzir cinemagraphs – imagens em loop, em que poucas coisas se movimentam no quadro (explicado mais a frente).

A mesma câmera que utilizei para fotografar foi usada para filmar (Nikon D600). Os vídeos foram feitos em 24 quadros por segundo, em resolução “full HD” (1920 x 1080 pixels). Como dito no tópico anterior, a regra era priorizar a foto, depois gravar vídeos.

Uma das deficiências dos equipamentos Nikon nesse quesito é a impossibilidade de ajustar a abertura do diafragma enquanto a câmera está no modo vídeo. É necessário sair do modo vídeo, mudar a abertura do diafragma e voltar ao modo vídeo. Se a medição ainda não foi correta, o procedimento tem que ser repetido. O problema não é tão grande quando o fotógrafo se adapta a esse esquema, mas é importante lembrar que a marca concorrente, a Canon, não tem essa limitação.

O enquadramento das entrevistas com os médicos foi bastante tradicional, posicionando-os no eixo direito ou esquerdo do terço do quadro, diagonalmente em relação à câmera, frontalmente em relação a mim, que entrevistava. Foi utilizado um tripé para enquadrar a cena adequadamente. O áudio foi captado com um microfone de lapela, gravado junto com a imagem (e não em um dispositivo separado).

As entrevistas mais curtas foram filmadas com a câmera na mão, bem próxima da pessoa entrevistada, para

que o microfone acoplado (que tem baixa qualidade de captação) pudesse captar o áudio com clareza. Por conta da ergonomia do equipamento, é mais fácil segurá-lo com a mão direita. Nas gravações feitas com a câmera na mão, tive que ficar atento à variação do ângulo, segurando a câmera também com a mão esquerda, para evitar que todas as entrevistas tivessem o mesmo enquadramento.

Ser o operador de câmera e, ao mesmo tempo, fazer o papel de entrevistador não é tarefa fácil. Enquanto ajustava a luz da cena, o foco, a captação do som e o enquadramento, tinha que manter uma conversa com a fonte. Quando era necessário montar o tripé e ajeitar o microfone lapela, o período de ajustes se estendia ainda mais. Essa necessidade autoimposta de manter uma conversa com a fonte enquanto se ajusta o equipamento pode parecer exagerada. Vejo essa conversa prévia como uma maneira de evitar o desconforto do silêncio e a oportunidade de estabelecer uma relação informal com a fonte, “quebrar o gelo”, para que não fique tão teatral durante a entrevista. É a mesma “conversa fiada” que o jornalista tem em outros tipos de entrevista, mas, nesse caso, o ajuste do equipamento torna a tarefa mais difícil.

3.3.3 Textos e legendas

Os textos e legendas foram produzidos a partir da diagramação, e não o contrário, como costuma acontecer. Com a ordem das fotos definida, os textos foram escritos levando em conta a diagramação da página e a continuidade das fotos.

Quando havia uma foto muito significativa, com conteúdo ou composição muito boas, procurei escrever pouco, para que o leitor mantivesse a atenção sobre a imagem.

Algumas imagens carregam textos maiores, para explicar não apenas a situação mostrada na imagem, mas também contextualizar o programa e as polêmicas em torno dele.

Essa produção de textos que precisam ser casados com a foto, com a sequência das fotos, com a disposição dos elementos da página e levando em conta o material em vídeo e áudio disponível não é uma tarefa simples. São muitas variáveis a se considerar, por isso a produção dos textos foi bastante demorada, até mais que uma reportagem comum.

3.3.4 Cinemagraphs

Cinemagraphs são fotografias animadas, em que um movimento mínimo se repete infinitamente. Normalmente essas fotografias animadas são publicadas no formato .gif. O termo “cinemagraph” foi criado por Kevin Burg e Jamie Beck, que utilizaram a técnica pela primeira vez de maneira ostensiva na cobertura da Semana de Moda de Nova Iorque, em fevereiro de 2011.

Schafer (2013) descreve os cinemagraphs como tendo detalhes em movimentos bastante sutis, podendo até mesmo passar despercebidos pelo espectador, “diferentemente também do que acontece com a maioria dos gifs animados, onde a imagem toda se ‘movimenta’”.

A ideia de fotografias vivas foi lançada pela primeira vez nos livros (1997) e filmes (2001) da série Harry Potter. Na história, no entanto, o mundo é mágico, os personagens são bruxos e as fotos vivas eram impressas nos jornais em papel. Os cinemagraphs são digitais, visualizados em telas, e não se trata de mágica, mas de um avanço de tecnologias.

Schafer afirma que os cinemagraphs ficam no “meio do caminho” entre a fotografia, as formas pré-cinematográficas e o cinema.

Seria como se a imagem estática (fotografia) objetivasse o movimento, assim como nas formas pré-cinematográficas, e o obtivesse, mas não como no cinema, porque o movimento não está na totalidade da imagem. Ou seja, os cinemagraphs trazem um pouco das características de cada uma dessas formas, mas se configuram como algo totalmente novo, como um meio híbrido. (SCHAFFER, 2013, p. 3)

Gomes (2013) define o cinemagraph de maneira semelhante a Schafer. Para o autor, o fotográfico está presente na pausa da cena. O vídeo está na escolha dos elementos que se movimentarão sutilmente. As raízes estéticas são cinematografia e a realização do cinemagraph é feita “através de um grafismo digital de formato consagrado” (o .gif).

Para Niewland (2012), os cinemagraphs intensificam o realismo de uma fotografia através do sutil movimento intrínseco em sua composição. E não é o simples movimento que carrega sua qualidade realística, mas a combinação do que está parado com o que se movimenta e a repetição, que o intensifica.

Em nota para o site do jornal estadunidense The Atlantic, Jamie Beck, um dos criadores do cinemagraph, fala sobre o recurso:

(...) Nós começamos utilizando movimentos fluidos isolados em certas partes da imagem para capturar um momento do tempo, mas também para descongelar uma

fotografia através do movimento temporal daquele momento. Parece-nos que há muitas aplicações excitantes para esse tipo de imagem em movimento. Existe movimento em tudo, e capturando esse movimento, mais as ótimas coisas que uma fotografia tem, você consegue a experiência do que um vídeo tem a oferecer sem o compromisso de tempo que um vídeo requer. Há algo mágico nas fotografias – um momento capturado no tempo – que pode simultaneamente existir fora daquela fração de segundo que o obturador captura. (JACKSON, 2011, disponível em: <http://www.theatlantic.com/technology/archive/2011/04/how-jamie-beck-and-kevin-burg-create-their-animated-gifs/237404>)

Tecnicamente, os cinemagraphs são animações produzidas no formato .gif. A extensão é popular para imagens em movimento como emoticons, assinaturas animadas de mensagens, animações para enfeitar sites e para piadas em fóruns da internet. Mas os cinemagraphs demandam uma produção mais exigente, pois seu início e final precisam formar um loop imperceptível. No caso dos cinemagraphs desta reportagem, foi usado o recurso “image sequence” do software Adobe InDesign. O arquivo final não tem a extensão .gif, mas o resultado é o mesmo.

A aplicação jornalística da tecnologia ainda é incerta, mas já foram feitas algumas tentativas. Beck e Burg

produziram uma reportagem¹ sobre a criação de uma cerveja artesanal feita a base de morangos, mostrando o processo de produção com suas imagens animadas. No site da NPR (*National Public Radio*), o recurso foi utilizado na cobertura de um festival de jazz² na cidade de Newport (Estados Unidos), em uma matéria sobre a evolução dos processos industriais em uma fábrica de batatas fritas³ e em outra, sobre a reciclagem de garrafas de vidro⁴. Essas foram as experiências encontradas até agora, mas talvez existam mais.

O uso deste recurso na reportagem pode ser visto nas páginas de apresentação dos médicos, nas telas em que aparece a unidade de saúde onde o médico está trabalhando e em outro momento, na reunião de Héctor com o prefeito da cidade (página 6 das 36 que falam sobre o mexicano).

¹ Disponível no link:

<http://dinersjournal.blogs.nytimes.com/2011/06/30/brewing-beer-with-dancing-strawberries/?ref=dining&r=0>

² Disponível no link:

<http://www.npr.org/blogs/allsongs/2013/07/29/206090455/the-2013-newport-folk-festival-in-gifs>

³ Disponível no link:

<http://www.npr.org/blogs/money/2013/04/04/176182150/50-years-of-potato-chip-innovation-in-5-animated-gifs>

⁴ Disponível no link:

<http://www.npr.org/blogs/money/2013/06/11/190668206/how-a-used-bottle-becomes-a-new-bottle-in-6-gifs>

No caso dos retratos, o efeito é interessante e, talvez, incômodo. As pessoas estão vivas, piscam, respiram, se mexem levemente. Como os movimentos são sutis, o loop é quase imperceptível. A experiência pode ser incômoda pelo movimento que nunca cessa. Como experimentação, considero a tentativa válida.

No caso dos cinemagraphs das unidades de saúde, acredito que o resultado foi ainda mais natural. O movimento da rua, com carros e pessoas, se repete a cada 20 segundos, em média, mas não se nota tão facilmente, porque passam rápido demais para serem identificados. Depois de um certo tempo analisando, é possível perceber as repetições, mas nos primeiros dois minutos isso não é tão simples.

No caso da reunião com o prefeito, o resultado final não foi tão satisfatório quanto os outros, devido ao movimento da câmera. Os movimentos das pessoas também não são tão sutis quanto os outros casos, por isso é fácil perceber o ponto de loop. Sem um tripé à mão, é desaconselhável tentar executar a técnica.

O recurso é novo e poucos sabem utilizá-lo. Sua função jornalística não está clara, mas é certo que ajudam a engajar e prender a atenção do leitor. Com o tempo, é provável que os cinemagraphs se popularizem, tornando-se

como parte importante do conteúdo de uma reportagem. Aplicativos para dispositivos móveis já permitem produzir cinemagraphs mais facilmente e de maneira automatizada, o que falta é que os jornalistas descubram o potencial deste formato híbrido.

3.4 Questões técnicas

Devido às especificidades e variedade de tablets no mercado, é essencial esclarecer alguns detalhes técnicos. O ideal é que a publicação se molde a qualquer tamanho de tela. Isso possibilita a publicação do material no maior número possível de modelos e sistemas operacionais. Esse é um conceito relativamente novo, conhecido como Design Responsivo ou Design Líquido. Para isso, utiliza linguagem de programação HTML5, que exige conhecimentos especializados e maior tempo de produção. Poucos títulos jornalísticos usam a tecnologia, que, devagar, está se popularizando. Ainda não existem ferramentas simples e acessíveis para diagramação de layouts adaptáveis, por isso, o mais comum e prático, hoje, é a utilização do software Adobe InDesign CS5 ou superior.

Essa ferramenta, porém, gera arquivos de dimensões fixas (folios) e, como dito, os aparelhos não seguem um

padrão de medidas. Cada fabricante escolhe um tamanho e proporção de tela, e um sistema operacional distinto. É necessário, então, adaptar a publicação para cada aparelho em que se deseja publicá-la. Como não há tempo nem recursos disponíveis para tanto, a maioria das editoras opta por publicar apenas no aparelho com maior base de usuários. No caso, o iPad.

Como o trabalho jornalístico envolve muito mais apurar, produzir material e contar histórias, optei pelo iPad, a plataforma mais popular, e ignorei os fatores restritivos da tecnologia em questão. Ferramentas para editoração em HTML5 devem alcançar um nível satisfatório em breve, e isso depende mais de outros profissionais que não jornalistas. Por isso, o foco do trabalho desenvolvido é a linguagem jornalística e suas possibilidades nesta nova plataforma.

É conveniente lembrar que a limitação que afeta essa reportagem é comum também em grandes publicações, que também pecam nesse quesito. Atualmente, o mercado editorial não tem essa questão resolvida. O desenvolvimento de ferramentas mais avançadas nos próximos anos deve dar conta disso.

4.0 Edição

A reportagem foi estruturada após a captação de todo o material fotográfico. Antes de ter as fotos, matéria-prima deste trabalho, foi muito difícil imaginar uma estrutura detalhada para a reportagem. Com todas as fotos em mãos, foi possível definir um esqueleto geral:

1. uma introdução geral, falando sobre o programa e a chegada dos médicos a Santa Catarina;
2. Héctor;
3. Diego;
4. Silvio;
5. fecho.

A produção dos textos e a edição da reportagem foram feitas simultaneamente à diagramação. A edição foi feita levando em consideração a fotografia da página, a disposição dos elementos, as informações sobre a foto e as interatividades a serem aplicadas.

Como tudo tinha que ser feito ao mesmo tempo, a edição de cada página foi um processo demorado e trabalhoso, apesar de a diagramação ser aparentemente simples.

A introdução possui cinco telas com textos e depois seis telas com fotos e textos; a parte de Héctor tem 36

fotos; Diego tem 25; Silvio tem 22. O número de fotos é reflexo direto do tamanho e profundidade da apuração. No caso de Héctor, o segui por três dias, e passando por várias situações diferentes. Os outros médicos tiveram menos disponibilidade e as situações eram mais repetitivas, por isso tiveram menos imagens na edição final.

Embora as fotografias sigam uma ordem lógica, a sequência não é sempre cronológica. A ordem temporal foi desobedecida quando o deslocamento de uma foto para frente ou para trás da reportagem não influía no sentido geral da narrativa. Alguns casos exigiam que a sequência fosse a correta, mas a maioria, não.

A narrativa corre por duas frentes. A principal é a fotografia, sempre a primeira coisa a aparecer. Depois, as legendas e os vídeos, que são vistos acionando botões. Esses outros elementos trazem informações não necessariamente ligadas à foto da página. Na maioria das vezes, quando não falam sobre o conteúdo da fotografia, se referem ao programa Mais Médicos em um contexto mais geral. Porém, sempre que se pôde, foram relacionados imagem e texto/vídeo – corroborando ou complementando o outro.

Esse material extra pode ser considerado de suma importância para a profundidade da reportagem. As fotos,

sozinhas, talvez não sustentassem uma reportagem sobre o programa Mais Médicos. Sozinhas, poderiam falar sobre aqueles médicos específicos, seu trabalho, sua vida pessoal. Para chegar, apenas com fotografias, ao ponto alcançado com todos esses recursos juntos, teria que se passar um período muito mais longo fotografando.

No entanto, é bom ressaltar a carga de informação não literal que a foto traz consigo. Apenas vendo as fotos da reportagem, na ordem posta e sem os elementos de apoio, pode-se entender muita coisa. Talvez mais que uma legenda pode alcançar. Embora a fotografia não fale com palavras, ela fala muito.

4.1 A fotografia física

O trabalho utiliza o tablet, um dispositivo digital; a câmera fotográfica usada para os registros é digital; o tratamento das imagens é digital; a diagramação do material é feita no computador. Diante disso, imprimir as fotografias, tê-las nas mãos para o processo de edição, pode parecer contraditório, mas foi essencial na estruturação da reportagem.

Essa necessidade não tem a ver com um sentimento de saudosismo, que seria comum a fotógrafos mais tradicionais. Eu comecei na fotografia quando o digital já

era padrão. No jornalismo, sempre editei minhas reportagens pelo computador. Mas, nesse caso, pela quantidade de fotografias disponíveis, pelo tamanho projetado da reportagem e pela estrutura da publicação, imprimir as fotos foi necessário.

Tê-las em mãos, no início, não era considerado. A ideia surgiu quando tive que estruturar a reportagem. O esqueleto precisa ser pensado em sua totalidade, trocando pedaços de lugar, rearranjando a ordem dos elementos, etc. E esse conjunto de fotografias não pode ser visualizado satisfatoriamente no computador. Na tela, o conjunto não cabe, ou as imagens são apresentadas em um tamanho muito reduzido. A visualização mais confortável no computador é de uma foto por vez, mas isso prejudica a noção do todo. Para uma reportagem fotográfica mais longa, como essa, as fotos físicas foram necessárias.



O processo de edição com as fotos impressas

Pode se comparar a edição do conjunto de fotos com a edição de textos. Na tela, o texto cabe, é fácil deslocar um parágrafo para cima ou para baixo. No caso da reportagem fotográfica, a imagem seria o parágrafo, mas a tela não dá conta de muitos “fotos-parágrafos” por vez, e deslocá-los é trabalhoso. Com a fotografia física, isso não é um obstáculo.

Outra vantagem de se ter as fotos em mãos é para fins de comparação. Algumas situações têm cinco, seis fotos semelhantes, com diferenças em pequenos detalhes. De novo, a possibilidade de visualizar o conjunto ajuda na seleção das imagens. Além disso, manusear o material com as mãos é muito melhor que com o cursor do mouse. Por mais internalizado que o uso do mouse esteja, as mãos são naturais.

Com esses motivos postos, posso dizer que a edição de fotorreportagens ainda não encontrou uma ferramenta digital à altura do método tradicional – mesmo que o produto final seja dirigido a plataformas digitais.

4.3 Diagramação

Antes de diagramar a matéria final, foi elaborado um projeto gráfico seguindo as especificidades da plataforma e da reportagem. Por conta de a reportagem ser publicada no formato tablet e ser fotográfica, a diagramação planejada foi bastante específica. Eu poderia ter utilizado um projeto gráfico já existente, mas, das publicações brasileiras presentes no tablet, não conheci nenhuma que suprisse as necessidades do meu caso. Por isso, tomei como referência duas publicações norte-americanas: as revistas *Once* e *Inquire*, ambas exclusivas para tablet.

Lembrando as antigas revistas ilustradas, os dois títulos trazem reportagens em que a fotografia é a principal ferramenta da narrativa, sem deixar de lado outros elementos, como textos, vídeos, áudios e infográficos, próprios da linguagem multimídia que a plataforma possibilita. Elas buscam destacar as fotos antes de qualquer outro conteúdo, por isso, normalmente, elas ocupam toda a tela. Elementos extras, como textos, legendas e gráficos podem ser vistos acionando botões. Cada reportagem tem uma quantidade razoável de fotografias, entre 15 e 25, bem mais do que seria viável em uma publicação impressa.

Os elementos gráficos são discretos, monocromáticos e com formas simples. Como dito, a fotografia é o centro da narrativa e a linguagem principal das reportagens.



Telas da revista Once



Tela da revista Inquire

O processo de diagramação das páginas de uma reportagem para tablet está diretamente ligado a sua estrutura e edição. Por isso, na elaboração do projeto gráfico, foi deixada uma série de possibilidades em aberto. Algumas interatividades planejadas, inclusive, deixaram de ser utilizadas porque não tinham função no contexto da

matéria. Outras foram concebidas depois, durante a edição do material.

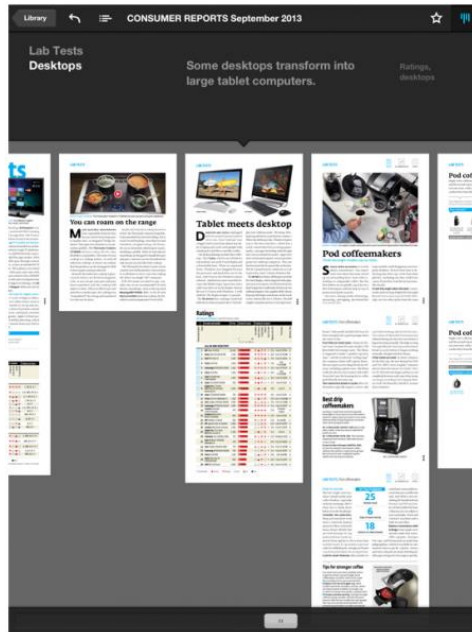
Uma importante referência para a diagramação e edição do conteúdo foi uma pesquisa do Poynter Institute, finalizada no final de 2012. Foi a primeira a utilizar o dispositivo Eye Track em tablets. Ele consegue detectar onde os olhos do leitor estão focados e como se movimentam pela página. Através destes testes de usabilidade, foi possível chegar a conclusões sobre como os usuários lêem notícias no tablet, o que chama mais sua atenção, quais são as preferências e comportamentos da maioria.

Uma descoberta importante é que 70% dos leitores que participaram dos testes preferem segurar o tablet na posição horizontal. Sua escolha tem muito a ver com as dimensões da tela para assistir vídeos e ver fotos. Isso serviu como uma forte orientação para a produção da reportagem. As publicações para tablet podem ser vistas na posição horizontal ou vertical do aparelho, mas isso exige que sejam produzidas duas diagramações do mesmo conteúdo, o que demanda mais recursos e tempo de produção. Sabendo que há preferência dos leitores pela posição horizontal, e levando em conta que a reportagem é

toda baseada em imagens, produzi a reportagem nessa orientação.

Outra forte tendência é a de a esmagadora maioria dos usuários deslizarem os dedos horizontalmente em galerias de foto que ocupam toda a tela, independentemente da orientação do dispositivo. Participantes que receberam o tablet na posição horizontal deslizaram os dedos horizontalmente 93% das vezes; dos que receberam o tablet na posição vertical, 82% navegaram horizontalmente. Essa constatação é importante, principalmente no caso da reportagem fotográfica feita para este trabalho.

Como padrão, a maioria das publicações vêm utilizando uma lógica de navegação em que, no sentido horizontal troca-se de reportagem e, verticalmente, lê-se a reportagem. Abaixo está uma reprodução da tela que mostra a estrutura de uma revista para tablet:



Levando em conta a tendência natural de se navegar horizontalmente em fotos e a natureza de minha reportagem, que é essencialmente fotográfica, tive que considerar fugir à lógica descrita acima e adotada pela maioria das publicações. Decidi por seguir os resultados da pesquisa: a navegação é horizontal, e em pouquíssimas vezes ela segue verticalmente. Para que o usuário possa pular partes, há um botão que exhibe o índice.

Com tudo isso previsto desde o semestre anterior, tentei sempre produzir fotografias no sentido horizontal, a fim de facilitar a edição do material final.

Outra descoberta importante é “ponto de fuga” do leitor. Os testes do Poynter Institute indicaram que, das reportagens lidas até o final, uma média de 98,3 segundos foram gastos lendo-as, antes de decidir por seguir até o final. Das pessoas que não terminaram de ler uma reportagem, o tempo médio de leitura foi de 78.3 segundos antes de abandoná-la completamente. Os pesquisadores consideraram esse o “ponto de fuga” do leitor. Este tempo é uma boa referência para posicionar uma “recompensa” ao usuário, um chamariz, algo que chame sua atenção para que continue entretido com a reportagem. Procurei posicionar conteúdos extra interessantes de tempos em tempos, quebrando o andamento normal da reportagem com algo que chamasse atenção do leitor. A distância entre esses extras variou de acordo com as quantidades de textos.

Um detalhe importante é a proporção das fotografias, que é diferente da proporção da tela do iPad. O lado mais comprido do tablet é menor que o lado mais comprido das fotos. Com isso, as imagens em tela inteira acabavam perdendo uma parte significativa de suas laterais. Foi

necessário inserir uma margem preta superior e inferior, para que as imagens coubessem inteiras na tela. Esses espaços pretos, aparentemente mortos, serviram para posicionar os botões de interatividade e referência de página sem poluir a foto. Elementos gráficos adicionais sujam a foto apenas quando acionados pelos botões. O objetivo foi sempre mostrar a foto inteira, sem cortes de caixas de textos ou outros elementos.

A escolha da fonte dos textos foi baseada em pesquisas pela web. Muitos sites diferentes indicavam as mesmas famílias de fontes para leituras em tela. Diante deste consenso generalizado e da pouca bibliografia sobre o assunto, segui por esse caminho. Dentre as muitas opções, a fonte escolhida foi a de nome “Droid”. O tamanho do corpo dos textos e o espaço entre as linhas foi decidido por tentativa e erro, pois é difícil ter uma noção exata de como algo ficará no tablet até visualizar no dispositivo mesmo. O corpo tem tamanho de 18 pontos, e o espaçamento entre as linhas é de 25 pontos. Esses números variam de acordo com a fonte utilizada e não devem ser tomados como referência exata para futuros trabalhos.

Os elementos gráficos são os mais simples possíveis. Para acessar conteúdo extra, há um símbolo de “mais” (+) ou um texto em negrito/italico na cor laranja. Eles

funcionam como botões, que quando tocados mostram uma caixa de texto ou um vídeo.

Também foi utilizado um sistema de círculos coloridos para páginas com mais de uma imagem. Tocando sobre os círculos, alterna-se a foto. Outro elemento interativo, esse pouco usado, foi a seta. Puxando a seta destacada, o usuário arrasta conteúdo que pode ser visto ou lido.

Todas as páginas trazem o crédito de página, que indica o número total e quanto falta para o final. A parte do médico argentino, por exemplo, tem 22 telas. No canto inferior direito estará o crédito: “1 / 22”, por exemplo.

5. O TABLET COMO PLATAFORMA JORNALÍSTICA

O tablet funciona de maneira similar a um computador comum, mas sem os tradicionais teclado e mouse, substituídos pela tela sensível ao toque. Ele se diferencia, principalmente, pela portabilidade. O aparelho é muito mais confortável ao manuseio que um computador ou notebook, podendo ser transportado e utilizado em qualquer lugar. Sua tela de alta resolução também é um diferencial, pois além de melhorar a visualização de imagens, torna a leitura de longos textos mais agradável –

problema comum até poucos anos. A explicação está na formação das letras na tela. Elas são formadas por pixels, pequenos pontos quadrados. Devido a baixa resolução das telas antigas, as letras ficavam “serrilhadas” nas curvas. O cérebro ameniza instintivamente esses cantos “quadrados”, mas longas leituras acabavam se tornando cansativas. No caso das novas telas, com alta concentração de pixels, as curvas das letras são realmente curvas, com serrilhado invisível a uma distância normal. Esse aprimoramento tecnológico melhorou a legibilidade em telas. Isso, somado ao conforto no manuseio do aparelho, torna o tablet uma plataforma em potencial para o jornalismo.

As editoras perceberam isso e, logo após o lançamento do primeiro modelo do aparelho em 2010, o iPad, da marca Apple, iniciou-se a adaptação de grandes títulos para a plataforma. No início se deu uma simples transposição das versões impressas, cópias das publicações físicas para o tablet. Os recursos multimídia oferecidos pelo meio digital não eram aproveitados, salvo alguns casos.

Com o tempo, edições foram se adaptando ao novo formato. O resultado vem se parecendo com um híbrido entre o jornalismo impresso e o digital. Por um lado, a experiência de leitura se assemelha a de uma publicação

tradicional, com conforto, reportagens paginadas e edições fechadas, com início e fim definidos (falarei disso a seguir). Por outro, traz a multimidialidade do meio digital, podendo agregar, além de texto, fotos e infográficos, vídeos, áudios, material interativo, conectividade com o resto da internet, etc.

Houve uma tentativa de criação de um periódico diário. Nascido no tablet e pensado para ele, o The Daily acabou sendo fechado após um ano e meio. O diário carioca O Globo A Mais, associado ao jornal impresso O Globo, é outro que merece destaque. Com edições noturnas diárias, revisa as principais notícias do dia e adianta as do próximo. Ganhou um Prêmio Esso por inovação. Existem ainda outros jornais exclusivos para o tablet, porém não tão expressivos. Os que se apropriaram de verdade do tablet como plataforma foram as revistas.

Elas são, hoje, o principal produto jornalístico que o aparelho tem a oferecer. Podem ser citadas as americanas Wired, New Yorker, National Geographic. No Brasil, a editora Abril e Trip tem tomado iniciativas nesse sentido, ainda tímidas, porém. Uma soma de fatores leva as revistas a se destacarem na plataforma.

A primeira razão é o tipo de leitura proporcionado no aparelho. Uma pesquisa do Poynter Institute, de São

Petesburgo, Estados Unidos, publicada em outubro de 2012, indicou que: os computadores de mesa e notebooks são mais usados durante o horário de trabalho, os smartphones são utilizados para navegação rápida na internet ao longo de todo o dia e os tablets, por sua vez, tendem a um uso mais lento, ideal para leituras mais profundas. Mario Garcia, que fez parte da pesquisa, escreveu em seu blog: “Vimos que os usuários preferem usá-los [os tablets] à noite, o que, supomos, torne possível uma experiência mais profunda, porque estão em um momento de descanso.”

Essa característica dá um lugar digital para um tipo de reportagem que, até agora, só tinha espaço no meio impresso. Embora pessoas passem muito tempo em frente ao computador, longas leituras não são tão comuns nem tão confortáveis. A experiência de leitura no tablet se aproxima da que se tem no papel.

Dois dos pesquisadores que participaram da pesquisa do Poynter Institute, Sara Quinn e Jeremy Gilbert, participaram de um *chat* aberto ao público, apresentando os resultados obtidos. Ao serem questionados sobre as semelhanças observadas entre pessoas que leem em *tablets* e pessoas que leem jornais ou *websites*, responderam:

Há muitas semelhanças. Mas acho que leitores sentem uma ligação emocional com seus tablets. Eu sei, isso soa bobo. Mas tocar e deslizar os dedos na tela dá um sentido maior de descoberta, surpresa. (...) As entrevistas de saída com os sujeitos da experiência foram bastante interessantes. Falaram sobre levar seus tablets e outros aparelhos móveis para a cama com eles. Tablets, como o jornalismo impresso, evocam uma resposta emocional diferente de experiências digitais em notebooks ou computadores de mesa. Pode ser que o mouse crie uma distância física e emocional com o que os usuários estão lendo. Em um aplicativo, você tende a se sentir como se tivesse lido algo completamente - como uma revista inteira ou um jornal. A leitura de uma publicação online pode parecer com um enorme arquivo. Nesse sentido, o tablet parece com o impresso. (POYNTER INSTITUTE, 2012, disponível em: <http://www.poynter.org/how-tos/newsgathering-storytelling/visual-voice/195736/live-chat-today-what-journalists-need-to-know-about-storytelling-on-tablets/>)

O segundo fator que colabora para o estabelecimento do tablet como plataforma para o jornalismo é a combinação do conforto com a já citada multimídia. É como ter uma revista impressa nas mãos, mas com todos os recursos que o digital permite. Essa soma torna a experiência de leitura muito mais rica. Com recursos que excedem o tradicional texto, há uma tendência que se aumente a quantidade de informação assimilada sem necessariamente aumentar o tamanho da reportagem escrita. Possibilita reportagens mais profundas e com mais engajamento do leitor, que tem outros tipos de conteúdo para interagir e absorver.

É possível dizer que os dois tipos de jornalismo – de revistas impressas e de revistas para tablet – se aproximam em muitos aspectos. O jornalismo diário, por exemplo, não consegue tirar o máximo do aparelho porque o seu tempo de produção é muito curto. Com pouco tempo, é difícil conceber reportagens com integração de diversas mídias. Além disso, dispendar grande quantidade de recursos para adicionar conteúdo multimídia a notícias curtas não é prático para quem lê e para quem produz. No caso das revistas, por outro lado, muitas características podem ser transpostas. Algumas terão que ser adaptadas e outras criadas do zero, de acordo com as especificidades do formato, mas o caminho está aberto.

Por enquanto, não há padrões. No momento, eles estão sendo estabelecidos, principalmente pelas forças do mercado editorial.

5.1 O que é uma revista para tablet

As revistas para tablet se assemelham muito com as revistas impressas tradicionais. A partir do lançamento do aparelho, o jornalismo se apropriou da plataforma e iniciou a adaptação de publicações. A maioria surgiu de revistas

tradicionais adaptadas para o novo formato, enquanto outras nasceram digitais.

Paulino (2012) cita algumas características da revista digital que se assemelham às revistas impressas. A primeira é a periodicidade, parecida com a da tradicional, visto que não requer uma atualização em tempo real de seus conteúdos. Como comentado anteriormente, a revista para tablet é digital, mas não carrega necessariamente todas as características do jornalismo online. A segmentação dos temas também é uma semelhança. Elas visam atingir públicos bem específicos, que podem ser divididos por gênero, interesse, profissão, etc. A autora cita também a portabilidade de ambos os suportes e a identidade gráfica:

“Cada revista tem a sua identidade gráfica própria, a qual é formada por logos, capas e outros elementos gráficos e editoriais, tais como tipografia, cores, diagramação, fotos e ilustrações. Os tablets mantêm toda a identidade gráfica do meio impresso e ainda agregam outras mídias ao documento.” (PAULINO, 2012, p. 4)

É bom ressaltar, no entanto, que essa adaptação não deve ser uma transcrição direta da revista impressa para um aparelho móvel, como ressaltam Pluinage e Silva (2012). Segundo os autores, elas têm “seu próprio meio de produção, consumo, distribuição e uma linguagem de

possibilidades únicas, o que permite formar uma nova narrativa jornalística”. Essa narrativa jornalística é o que pode ser considerada a novidade e o que a diferencia do jornalismo produzido para a internet em computadores convencionais.

A primeira grande diferença está na apresentação. As publicações são tão bem diagramadas quanto as revistas impressas, com as vantagens de uma tela supernítida e de não ter que evitar os vincos entre as páginas. Esse resultado não é possível ou é muito difícil de ser alcançado nos layouts das páginas na internet, pois elas são produzidas em linguagem de programação, amarradas a estilos pré-determinados e não tão flexíveis. Além disso, a publicação volta a ser paginada, diferente da web, em que as páginas são compridas, contínuas.

Evidentemente, ao fugir das exigências do jornalismo online de notícias, no que se refere à atualização contínua e automatizada, por tratar-se de produtos cujo tratamento estético exige maior atenção, também as interfaces devem ser diferentes. Revistas existem para serem olhadas, vistas, tocadas, “sentidas”, mais do que lidas. A leitura destas em telas certamente algo menores (como no caso do iPad) não pode fugir daquilo que as diferencia: a beleza e o prazer do consumo estético. Usabilidade e beleza devem ir juntas nas interfaces de sites de revistas online, pois importa mais ver do que ler. (NATANSHN e CUNHA, 2010, p. 10)

No tablet, a experiência do usuário é superior a que se pode ter na internet (na maioria das vezes). Devido ao modo atual de distribuição das publicações, via download, qualquer elemento é apresentado instantaneamente, pois a edição está armazenada no dispositivo. No jornalismo online, o acesso aos conteúdos depende diretamente da velocidade de conexão da internet. Uma velocidade de internet ruim gera experiências frustrantes, e até a melhor conexão não chega a instantaneidade atingida quando se tem a publicação hospedada no próprio dispositivo.

É verdade, há dois problemas nessa questão. Um deles é a capacidade de armazenamento do tablet, que é limitada, obrigando o usuário a apagar publicações antigas (mas que ainda estarão disponíveis para download se ele quiser vê-las novamente). O outro problema é o tempo de download. As edições costumam gerar arquivos grandes, e o tempo de espera pode passar de uma hora facilmente. Em compensação, ela pode ser lida sem necessidade de uma conexão com a internet.

Edições graficamente bonitas, interação pelo toque, multimídia e resposta instantânea aos comandos do usuário são características que transformam o tablet em uma nova experiência jornalística, tanto para o leitor, quanto para o produtor. Esses fatores possibilitam uma

nova narrativa, porque há uma real integração das diversas mídias em uma mesma reportagem.

O tablet junta as qualidades do jornalismo digital com o que há de mais elaborado no jornalismo impresso - as revistas. Essa reportagem em profundidade, com tempo de apuração, texto mais elaborado, elementos gráficos fortes e integrados à narrativa ainda não havia encontrado seu espaço no jornalismo online. Com o tablet, é como se o digital estivesse alcançando o analógico no quesito de experiência de leitura, e o ultrapassando em profundidade, graças aos elementos visuais e sonoros que somam ao texto e que, por vezes, transmitem mais do que o texto poderia.

5.2 Digital não significa online

Nos computadores tradicionais, costuma-se consumir jornalismo conectado a internet. Sejam notícias curtas ou reportagens profundas e elaboradas, o conteúdo está disponível online. Sem internet é simplesmente impossível ter acesso a ele. No tablet, isso se torna uma meia verdade.

É necessário ter acesso a internet para fazer o download das publicações, mas, quando armazenada no aparelho, não é mais necessário estar conectado. É possível

consumir revistas para tablet sem internet. Isso acarreta consequências negativas do ponto de vista da interatividade, impossibilitando comentários, compartilhamento de conteúdo, atualizações em tempo real, etc.

O que dificulta a integração das revistas em tablet com o resto da internet está diretamente ligado ao modo como elas são construídas (explicado no tópico “Questões Técnicas”). Os pacotes fechados são fechados demais. É difícil interagir com outros usuários, compartilhar conteúdo nas redes sociais, indexar a publicação em mecanismos de busca e acessar conteúdo externo à publicação. Jon Lund fala dos problemas de compartilhamento desses aplicativos:

“Quando uma revista é organizada como um aplicativo e não como um site, seus artigos não podem ser indexados ou pesquisados na internet. E mesmo que isso seja possível, clicar no link levaria o leitor à loja de aplicativos, e não ao artigo em si – tirando a revista do maior direcionador de acessos do mundo.

O padrão é o mesmo nas mídias sociais. Quando você não pode obter o endereço direto para um artigo, o desejo de compartilhar com seus contatos cai drasticamente. Além disso, curadores de conteúdo não podem olhar dentro dos aplicativos ou direcionar seus leitores diretamente para seus artigos.” (LUND, 2013. Disponível em: <<http://gigaom.com/2013/10/06/tablet-magazines-failure/>>)

Esta questão técnica afeta um pouco a reportagem em si. O ideal é que essas características estivessem integradas à experiência, justamente por se tratar de uma publicação digital. Por outro lado, esses elementos não influem diretamente na narrativa da reportagem, o principal ponto do trabalho, pois eles são externos à matéria jornalística.

Esse “muro” digital pode ser uma qualidade, pois a interatividade externa tende a dispersar o leitor e atraí-lo para fora da reportagem. No entanto, é o grande defeito das revistas para tablet, porque renega toda a possibilidade de interação inaugurada com a internet. O equilíbrio entre a liberdade de navegação da internet e os pacotes de informação com limites bem definidos está longe de ser alcançado, mas as editoras (principalmente norte-americanas) estão fazendo tentativas nesse sentido.

5.3 Mar de hiperlinks e o alívio dos pacotes fechados

A liberdade de navegação na internet é, a princípio, a sua maior qualidade, mas pode ser também um de seus maiores problemas. Uma reportagem costuma trazer uma série de hiperlinks, que acabam levando o leitor a outro artigo, que em seguida o faz pesquisar sobre um assunto

semelhante e assim sucessivamente. No fim, o usuário não sabe por onde começou. Os caminhos são infinitos e a quantidade de conteúdo disponível é imensurável.

Isso é bom, pois nunca se teve acesso a tanta informação. Mas, também, pode ser ruim, porque nunca se chega a um final. Quanto mais se navega, mais distante o usuário fica de parar. O leitor precisa decidir abandonar sua leitura em algum momento. Por conta disto, se notam necessários os começos e os finais – como nos jornais e revistas impressos.

Começos e finais são características que, até então, apenas as publicações impressas podiam oferecer. Ao chegar ao final, há uma sensação de satisfação, “completude”, uma noção de que foi apreendida toda a informação que havia para apreender. Craig Mod fala sobre isso em um artigo:

“ ‘Até onde isso vai?’ é uma pergunta que ninguém tem que fazer diante da edição impressa da Newsweek. O seu site? Já não é tão claro. (...) Enquanto o conteúdo que consumimos vai se tornando mais digital, é dos tablets e smartphones a responsabilidade de encontrar um caminho para criar formas mais claras de limites em um meio que não quer se contido.” (MOD, 2012. Disponível em: <<http://edition.cnn.com/2012/10/21/opinion/mod-digital-magazines/index.html>>)

No meio digital, não se consegue ter a noção tátil do tamanho de uma reportagem. Não é possível verificar, fisicamente, quanto já se leu, quanto falta para o fim, qual o tamanho do total. Mas, a partir do surgimento do tablet, pacotes fechados de informação – revistas ou jornais – voltaram a ser convenientes, depois de mais de uma década de fluxos inacabáveis de informação.

5.4 Processo de publicação

A transposição da publicação do computador para o *tablet*, de maneira fácil, gratuita e infinita, é ainda um dos maiores desafios que o pequeno desenvolvedor enfrenta — desafio já superado na internet graças à facilidade de criação de blogs ou sites. Não existe, até o momento, nenhuma maneira simples de publicação de conteúdo para *tablets*.

O procedimento, basicamente, consiste em: possuir o *software* pago de diagramação Adobe Indesign (versão CS5 ou superior), fazer um cadastro no site da empresa Adobe, hospedar o arquivo no ambiente virtual desta empresa e organizar as seções da publicação através de uma plataforma online, chamada *Adobe Digital Publishing Suite*. Nela, foram organizados os arquivos *folio*. É

possível habilitar diferentes modos de privacidade das publicações e até mesmo sua comercialização.

Para a publicação do material na AppStore, loja virtual de aplicativos e publicações em geral, é necessário pagar uma taxa para a empresa desenvolvedora do tablet, no caso, a Apple. Mesmo que a publicação seja gratuita, a empresa exige o pagamento, e o material deve passar por uma avaliação prévia, levando até duas semanas para ser aprovado.

Se não se pode ou não se quer pagar, é possível visualizar a publicação gratuitamente no aparelho. A condição para isso é que sejam mandados convites virtuais para cada pessoa interessada em visualizar tal publicação. Ela não fica disponível em buscas e o interessado deve solicitar o convite diretamente ao autor da publicação. Devido aos elevados valores e ao caráter experimental do produto, foi feita a segunda opção.

6.0 APRENDIZADO

A produção deste Trabalho de Conclusão de Curso contribuiu em muitos aspectos para meu crescimento profissional e pessoal.

O primeiro desafio - a mudança brusca de pauta - foi enfrentado e superado com alguma dificuldade, mas servirá como exemplo para reportagens futuras. O assunto escolhido anteriormente não era garantido, eu ainda dependia de alguns fatores para que a pauta vingasse. Quando as coisas não saíram como se previa, fiquei sem pauta e sem TCC. Uma mudança rápida de foco foi muito necessária para o andamento do trabalho.

Sem uma equipe, como seria comum em uma reportagem produzida para um veículo jornalístico, tive que ficar a cargo de tudo. Da pré-produção, como o agendamento e contato com as fontes, da pesquisa de dados, da apuração de informações em campo, da produção das fotos e vídeos, e de toda edição posterior. Essa função coringa serviu para entender como um jornalista não precisa, necessariamente, depender de tantas pessoas ao mesmo tempo. Mas, também, mostra como seria produtivo e confortável contar com uma equipe para distribuir as funções.

Quanto à fotografia, senti uma nítida evolução de qualidade, principalmente das primeiras fotos, do médico mexicano Héctor, em comparação com as do uruguaio Diego e do argentino Silvio, produzidas depois. No primeiro momento, ainda estava em fase de adaptação com

a câmera, recém adquirida na época. A partir do segundo médico, seu manuseio já estava incorporado e o trabalho fluiu melhor.

Eu já havia feito pautas fotográficas de vários tipos, sobre vários assuntos, mas nunca assim tão extensa. As reportagens fotográficas que fiz eram factuais, sem chance para aprofundamentos. Nesse caso foi o oposto: foram produzidas muitas fotos, a apuração durou vários dias, o processo de edição foi exaustivo e a montagem do material cuidadosa e demorada.

Da produção das fotos em campo, percebi nuances sobre o posicionamento do repórter em relação a cena e a situação que apenas a experiência pode ensinar. Fiquei mais atento aos limites do fotógrafo em relação aos acontecimentos, os momentos em que abaixar a câmera era o mais indicado. Essas experiências, inéditas para mim, vão contribuir muito para trabalhos futuros.

O relacionamento com as fontes também foi outro ponto importante de meu aprendizado durante a produção deste trabalho. Fiquei próximo dos três médicos escolhidos para a reportagem – uma proximidade que eu não tinha tido em outras reportagens, com outras fontes. Isso representou um desafio quanto à isenção, tanto na edição posterior quanto na própria captação em campo.

Outro ponto importante foi o fato de o assunto ser complexo, ideológico, político, e os acontecimentos que acompanhei serem pontuais, cotidianos, rotineiros. Foi um desafio falar de um assunto “macro” (o programa Mais Médicos) através de acontecimentos “micro”.

A produção de uma reportagem pensada desde o início para o tablet também representou um desafio e um aprendizado enormes. Hoje, ainda, pouca gente produz para a plataforma. Não há padrões nem métodos consolidados. Por isso, foi necessário definir uma série de aspectos técnicos e jornalísticos que, por vezes, não aparecem em outras modalidades de reportagem. A integração de várias mídias em uma mesma narrativa representa um trabalho até então inédito para mim do ponto de vista da edição. Foi necessário pensar a todo momento qual mídia mais contribuiria para a reportagem e, ainda, tentar integrar esses elementos à fotografia.

Este Trabalho de Conclusão de Curso, como um todo, e deve contribuir enormemente para o meu futuro profissional e para o andamento de minha carreira. Um ciclo muito importante se encerra aqui, e a experiência adquirida e incorporada a partir dessa reportagem será levada para o futuro e além.

7. AGRADECIMENTOS

Para que este trabalho fosse possível, tive o apoio de muitas pessoas. Agradeço a minha família e a minha namorada, pelo apoio incondicional e constante ao longo da produção desta reportagem e da vida. Agradeço a professora Cárlica Emerim, por aceitar o desafio de orientar este Trabalho de Conclusão de Curso e por ajudar a esclarecer questões e abrir caminhos sempre quando foi necessário. Um agradecimento especial a colega Talita Burbulhan, que me pôs em contato com a minha primeira fonte, que deu início a todo o trabalho de apuração. Um “muito obrigado” a todos os entrevistados, em especial os doutores Héctor Romero, Diego Vinuela e Silvio Benitez, pela disponibilidade, paciência e colaboração. Por fim, agradeço aos amigos, que me acompanham pelo caminho. Sem amigos, nada disso faria sentido.

7.0 BIBLIOGRAFIA

_____. **Jornalismo para dispositivos móveis:** informação hipermultimediática e personalizada. Atas do IV CILCS — Congresso Internacional Latina de Comunicación Social. Universidade da Beira Interior: 2012. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/canavilhas-joao-jornalismo-para-dispositivos-moveis.pdf>> Acesso em: 6 de maio de 2013.

AGNER, Luiz. **Usabilidade do jornalismo para tablets:** uma avaliação da interação por gestos em um aplicativo de notícias. Anais do XII Congresso Internacional de Ergonomia e Usabilidade de Interfaces Humano-Computador. Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN): 2012. Disponível em: <<http://www.agner.com.br/wp-content/uploads/2012/06/ARTIGO-LUIZ-AGNER-USIHC-2012.pdf>> Acesso em: 14 de fevereiro de 2013.

EMPSON, Rip. **Once Magazine Brings Compelling Photojournalism To Your iPad.** Disponível em: <<http://techcrunch.com/2011/10/14/once-magazine-brings-compelling-photojournalism-to-your-ipad/>>. Acesso em: 4 de novembro de 2013.

GARCIA, Mario. **Tablets: that lean back couch experience.** Disponível em: <http://garciamedia.com/blog/articles/ptablets_that_lean_back_couch_experience_pl>. Acesso em: 30 nov. 2013.

GOMES, Marcelo Salcedo. **CINEMAGRAPHS: o sincretismo imagético como desafio metodológico.** Disponível em:

<<http://semanadaimagem.tecnoculturaaudiovisual.com.br>>
Acesso em: 6 de novembro de 2013.

HORIE, Ricardo Minoru; PLUVINAGE, Jean. **Revistas Digitais para iPad e outros tablets** – Arte-finalização, Geração e Distribuição. Editora Bytes e Types Com. E Serv. Ltda, 1ª edição, 2011.

INGRAM, Mathew. **Too Many Magazine Apps Are Still Walled Gardens**. Disponível em:
<<http://gigaom.com/2010/10/09/too-many-magazine-apps-are-still-walled-gardens>>. Acesso em: 16 de abril de 2013.

INTERNATIONAL DATA CORPORATION (Estados Unidos). **Worldwide Quarterly Smart Connected Device Tracker**. Disponível em:
<http://www.idc.com/tracker/showproductinfo.jsp?prod_id=655>. Acesso em: 15 maio 2013.

JACKSON, Nicholas. **How Jamie Beck and Kevin Burg Create Their Animated GIFs**. Disponível em:
<<http://www.theatlantic.com/technology/archive/2011/04/how-jamie-beck-and-kevin-burg-create-their-animated-gifs/237404/>>. Acesso em: 15 de novembro de 2013.

LAURENT, Olivier. **Auto de Fe brings 'intelligent photography' to the iPad**. Disponível em:
<<http://www.bjp-online.com/british-journal-of-photography/news/2192334/auto-de-fe-brings-intelligent-photography-to-the-ipad#ixzz2RwuJaXO2>>. Acesso em: janeiro de 2013.

LUND, Jon. **Why tablet magazines are a failure**. Disponível em: <<http://gigaom.com/2013/10/06/tablet-magazines-failure/>>. Acesso em: 1 de novembro de 2013.

_____. **How magazines will be changed forever.**

Disponível em:

<<http://edition.cnn.com/2012/10/21/opinion/mod-digital-magazines/index.html>>. Acesso em: 10 de outubro de 2013.

MOD, Craig. **Subcompact Publishing: Simple Tools and Systems for digital publishing.** Disponível em:

<www.craigmod.com/journal/subcompact_publishing>. Acessado em: 14 de abril de 2013.

NATANSOHN, Graciela; CUNHA, Rodrigo. **O jornalismo de revista no cenário da mobilidade.**

Disponível em:

<<http://revistas.ua.pt/index.php/prismacom/article/viewFile/758/685>>. Acesso em: 24 de outubro de 2013.

NIEWLAND, Meaghan. **Framed In Time:** A

Cinemagraph Series Literature Review. Disponível em:

<http://www.niewland.com/cinemagraphs/?page_id=308>. Acesso em: 5 de novembro de 2013.

PAULINO, Rita de Cássia Romeiro. **Conteúdo digital interativo para tablets-iPad:** uma forma híbrida de conteúdo digital. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 35., 2012, Fortaleza.

PELLANDA, Eduardo Campos; NUNES, Ana Cecília B..

A linguagem própria dos tablets para o jornalismo

digital: estudo de caso do The Daily. Trabalho apresentado no GP Ciberultura, XII Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, em 2012. Disponível em:

<<http://pt.scribd.com/doc/111703476/A-linguagem->

propria-dos-tablets-para-o-jornalismo-digital-estudo-de-caso-do-The-Daily> Acesso em: 18 de abril de 2013.

PLUVINAGE, Jean-frédéric; SILVA, Josefina de Fátima Tranquilin. **Criação da Revista Digital Sorria para Tablet**. In: PRÊMIO EXPOCOM 2012 – EXPOSIÇÃO DA PESQUISA EXPERIMENTAL EM COMUNICAÇÃO, 19., 2012, Fortaleza.

POYNTER INSTITUTE. **What journalists need to know about storytelling on tablets**. Disponível em: <<http://www.poynter.org/how-tos/newsgathering-storytelling/visual-voice/195736/live-chat-today-what-journalists-need-to-know-about-storytelling-on-tablets/>>. Acesso em: 29 de outubro de 2013.

SCHÄFER, Camila. **MÍDIAS EM LOOP**: cinemagraphs e a arqueologia da mídia. Disponível em: <<http://semanadaimagem.tecnoculturaaudiovisual.com.br>>. Acesso em: 6 de novembro de 2013.

SIEGLER, MG. **Why Magazine Apps Suck**. Disponível em: <<http://techcrunch.com/2012/12/04/the-dakly-died-of-suckage/>>. Acessado em: 15 de abril de 2013.

SIVEK, Susan Currie. **Once Magazine Takes the Photo Magazine into the App World**. Disponível em: <<http://www.pbs.org/mediashift/2011/10/once-magazine-takes-the-photo-magazine-into-the-app-world278.html>>. Acesso em: maio de 2012.